

A Narrativa da Selva, ou, A *Selva* no Contexto do Regionalismo Amazônico

The Narrative of Selva, or, A *Selva* in the Context of Amazonian Regionalism

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos¹
Josué Ferreira de Oliveira Júnior²

RESUMO: Este texto procura abordar a narrativa de *A Selva*, romance histórico do escritor luso-brasileiro José Maria Ferreira de Castro, publicado em Portugal, no ano de 1930. Trata-se de um dos mais representativos relatos do seringal amazonense bem como sobre sua vinculação ao tema do regionalismo crítico, que justificam e fazem merecer o olhar contemporâneo, ainda mais pelo fato de evocar confluências entre história, literatura e memória enquanto lugares de resistência, deixando entrever vários contextos fronteiriços, na medida em que visa a relatar um dos mais vivos arquivos da historiografia brasileira e da região amazônica, em particular. Ainda, como várias outras narrativas similares do regionalismo brasileiro, *A Selva* guarda restrito interesse no âmbito dos estudos literários contemporâneos, o que tornam narrativas deste porte um dos mais produtivos e representativos objetos de análise no contexto das literaturas regionais e de fronteiras. Nosso trabalho visa a pôr em discussão o lugar que obras como *A Selva* acabaram assumindo, mais como um descaso do destino do que por uma meticulosa apreciação, que, felizmente, já vem alterando o quadro da historiografia contemporânea. Principalmente quando pensamos em aspectos teórico-críticos próprios às literaturas das margens, contextos de fronteiras, sucesso e fortuna crítica, cânone e anticânone, dentre outros aspectos que remodelam o referido quadro.

Palavras-chave: *A Selva*; Ferreira de Castro; resistência; regionalismo; seringal amazonense

ABSTRACT: This article aims to approach the narrative of *A Selva*, historical novel of the Luso-Brazilian writer José Maria Ferreira de Castro, published in Portugal in 1930. It is one of the most representative accounts of Amazonian rubber plantation as well as its link to the theme of critical regionalism, that justify and make merit the contemporary look, even more by the fact of evoking confluences between history, literature and memory while resistance places, letting on several border contexts, and insofar as it seeks to report one of the liveliest files of Brazilian historiography and the Amazon region in particular. Even as several other similar narratives, the Brazilian regionalism, *A Selva* guards restricted interest in the scope of the contemporary literary studies, which makes this size narratives one of the most productive and representative objects of analyses in the context of regional and border literatures. Our

¹ Professor Titular de Literatura Comparada na UFGD; Pesquisador do CNPq. E-mail: paulonolasco@ig.com.br

² Mestrando em Literaturas e Práticas Culturais no PPGLetras da UFGD; Bolsista CAPES. Realiza pesquisa de natureza comparatista sobre a configuração da “selva” nas narrativas *A Selva*, de Ferreira de Castro, e *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. E-mail: josuamusic@hotmail.com

work aims to call into question the place that works like *A Selva* ended up assuming, more like a neglect of fate than by a meticulous examination, which, fortunately, is already changing the framework of contemporary historiography. Especially when we think of theoretical and critical aspects peculiar to the literature of the margins, border contexts, success and critical fortune, canon and anti-canon, among other aspects that remodel this scenario.

Keywords: *A Selva*; Ferreira de Castro; resistance; regionalism; Amazon rubber plantation

INTRODUÇÃO

“Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça continuarão a glorificar o caçador.”

Planetas sem boca. Hugo Achugar, 2006, p. 53

A epígrafe é citação de *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura (2006), de Hugo Achugar, dos mais importantes nomes da crítica literária e cultural latino-americana. Ela é síntese de um pensamento e de uma atitude do fazer crítico, bem como da produção de conhecimento e de bens simbólicos em toda a América Latina por volta dos anos 60 e 70, motivado pelo que Eneida de Souza (2009) abordou como provocada pela invasão da crítica comparada e cultural nas universidades brasileiras, e também nas universidades latino-americanas de um modo geral. Em “A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista” (1996), Tania Carvalhal enfatiza levar em conta a importante contribuição da literatura para a constituição da memória e para a produção de conhecimento sobre a realidade do subcontinente. Ainda segundo Carvalhal, é possível, entre a imaginação e a memória, reconstruir o passado através de narrativas pessoais, de relatos que mesclam realidade e ficção, a fim de produzir conhecimento sobre a cultura, as histórias locais, sobre as dores e os sofrimentos daqueles que de outra maneira não seriam vistos e/ou ouvidos por uma história unívoca. E toma como exemplo a novela *La luna, el viento, el año, el día*, de Ana Pizarro, que narra o retorno da protagonista ao Chile, depois de viver anos no exílio político. Para a comparatista, trata-se de uma história que mescla o individual e o coletivo, pois, ao narrar uma história vivida pela autora – Ana Pizarro –, ela reconstrói uma história comum a uma coletividade, a saber, as ditaduras e os golpes políticos latino-americanos, que contribuíram para emergência de inúmeras narrativas com o mesmo perfil. Assim Carvalhal enfatiza que:

Se Ana Pizarro construiu sua novela com dados de uma história pessoal, tomando no relato a perspectiva do presente e a ordenação interpretativa desses dados, para entrecruzá-los com as linhas da história coletiva, não é distinta de sua atuação a do historiador, que atribui sentido aos fatos do passado a partir do momento e do lugar de onde observa e escreve, ordenando, segundo suas interpretações, a representação da realidade. (CARVALHAL, 1996, p. 202)

Dessa perspectiva voltamos nosso olhar para a obra *A Selva* (1930), de Ferreira de Castro, como importante romance histórico do regionalismo amazônico, que, a seu modo, dá corpo a uma história outra, silenciada por aquela que notabilizou o progresso e o desenvolvimento econômico na região amazônica, legitimando, por isso, a exploração de homens e mulheres que tiveram suas identidades perdidas nas brenhas daquela que se constituiria uma selva indomável.

A SELVA: OU OS RELATOS SOBRE A AMAZÔNIA

Nosso objetivo é apontar para aquela selva descrita por Ferreira de Castro, no romance histórico emblematicamente intitulado *A Selva*, originariamente publicado em Portugal no ano de 1930, o qual, além de figurar como destacado romance-documento, realiza a proeza de subtrair da escuridão um triste período por vezes ignorado e/ou “romanceado” pelas histórias oficiais.

Não sendo historiador, e, no entanto, narrando uma história que sabemos não ser a do próprio Castro, tampouco a dos nordestinos, paraenses e maranhenses, apesar de carregar forte verossimilhança com os fatos, Ferreira de Castro se traveste na personagem protagonista Alberto, de modo a promover certo distanciamento, necessário para produzir uma narrativa de testemunho, diga-se, de denúncia social, mas também, por outro lado, uma narrativa que pode ser vista como forma de enfrentar os próprios pesadelos do narrador, advindos da experiência que tivera no interior da selva amazônica, entre os anos de 1911 a 1914. Trata-se de narrativa que marca a decadência de um período que ficou conhecido como o Ciclo da borracha, extraída da floresta amazônica e denominada, nos tempos áureos da sua extração, de “o ouro negro”³.

³Vale ressaltar que esse período ficou cicatrizado na historiografia como o “Inferno verde” do regionalismo brasileiro. Segundo a crítica e historiadora ítalo-brasileira Stegagno-Picchio: “A Amazônia, que Ungaretti

É revelador que, em “Pequena história de ‘A selva’”, ensaio escrito para a edição comemorativa do ano de 1955, o autor Ferreira de Castro confessa o efeito catártico desta obra em sua vida pessoal:

[...] durante muitos anos tive medo de revivê-la literariamente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá avivavam, com pequenos machados, no mistério da grande floresta, as chagas das seringueiras. Um medo frio, que ainda hoje sinto, quando amigos e até desconhecidos me incitam a escrever memórias, uma larga confissão, uma existência exposta ao sol, que eu próprio julgo seria útil às juventudes que se encontrassem em situações idênticas às que vivi. (CASTRO, 1972, p. 26)⁴

Percebe-se que o caráter documental e, como o próprio autor declara, o caráter confessional e terapêutico desta obra vão sendo aos poucos delineados: *A selva* é, então, um romance que narra a história de um jovem português chamado Alberto, que, por conta de questões políticas, abandonara Portugal e o curso de Direito, já no último ano, e vem para o Brasil, rumo a Belém do Pará. Abrigado na casa de Macedo, seu tio, começa longa peregrinação em busca de trabalho, a fim de poder se sustentar e naturalmente ajudar com as despesas da casa, porém não encontra. Assim, “Esgotada a generosidade do tio, forçoso lhe é aceitar a situação de seringueiro, única que se lhe oferece, na longínqua Amazônia” (COELHO, 1982, p. 1013). Seu primeiro desafio foi enfrentar uma interminável viagem a bordo do navio Justo Chermont, que o conduziu com um grupo de cearenses até o seringal Paraíso.

Nesse ambiente transparece o mais hediondo fato histórico ligado à exploração de mão de obra barata, senão escrava, uma vez que os seringueiros já chegavam devendo aos seus patrões, sendo obrigados inclusive a pagarem a passagem do navio que os levara até o seringal, além das ferramentas necessárias à extração e os alimentos para a jornada de uma semana, dentro dos quinhões que foram designados a cada um deles. Fora isso, levas de trabalhadores eram obrigados a comprar no único balcão existente ali, no coração da selva, a saber, o do Juca Tristão, dono do seringal –, gente “sem crônica”, à mercê de seus mandos e desmandos:

retrata, em brincadeira arcádica, com seringueiras que se reúnem em bosquezinhas, é, para a mitologia literária brasileira, a “selva” cantada pelo português Ferreira de Castro (1930), o inferno verde, paraíso de aventureiros e charlatões, onde o homem, taciturno, fatalista, é só, na expressão tomada ao Euclides de *À Margem da história*, um ‘ser destinado ao terror e à humilhação diante da Natureza’”. (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 402)

⁴Como dissemos, *A Selva* foi publicada originariamente em 1930. Para efeitos de operacionalização, lançamos mão da edição brasileira de 1972. (CASTRO, 1972)

Juca Tristão não respondia. Quando o seringueiro tinha “saldo”, vendia-lhe tudo quanto ele desejasse; fosse loucura rematada ou objeto inútil, tudo dava mais lucro do que passar-lhe, no futuro, um saque para ser trocado por bom dinheiro na “casa aviadora”, em Manaus. Mas se o trabalhador, por curta estada ali, por doença ou preguiça não conseguira solver a dívida inicial, que rebentasse de fome, pescasse ou caçasse, pois não lhe forneceria nada além do valor de sua produção. [...] Aquele era sempre um “talão grande”, onde se juntavam as despesas da viagem e mais empréstimos, que prendiam por muitos anos ao seringal, em trabalho de pagamento, o sertanejo ingênuo. (CASTRO, 1972, p. 100-1).

O relato de Castro se destaca, dentre outros fatores, pela descrição pormenorizada, garantindo uma visão realística do espaço, dos rios e de seus habitantes, e pela especial atenção devotada à selva, que emerge como uma espécie de personagem interferindo diretamente no humano, simples transeunte em seu interior, prisioneiro de um espaço cicatrizado pela historiografia como o “inferno verde”. Constitui também um romance vivido, uma vez que a história do protagonista Alberto se confunde com a história do próprio escritor Ferreira de Castro. Com propriedade, o estudioso Rildo Cosson, em “Il Portogallo e i mari: un incontro tra culture” (1994), publicado em Napoli, ratifica tais recursos como responsáveis por garantir o lastro de veracidade de *A selva* como metáfora de um romance vivido:

O primeiro deles é a descrição pormenorizada do ambiente humano e natural. [...] O outro recurso narrativo é a abundância de informações históricas. [...] Todo esse sistema descritivo-informativo encontra-se na narrativa através de três vias principais, a voz direta do narrador, a vivência do protagonista e as informações provenientes dos próprios seringueiros, que entrelaçam e garantem ao texto um forte efeito de veracidade. (COSSON, 1994, p. 360)

Com efeito, é notável uma dinâmica que vincula o contexto da narrativa de *A Selva* com a história de uma época. O que é evidenciado não só pela semelhança entre a história de Alberto e a história de Ferreira de Castro, nas primeiras décadas do século XX, no interior da Amazônia brasileira, mas principalmente pela reconstrução do ambiente, a recorrência de informações históricas no entrecho do romance, a referência aos lugares, cidades como Manaus e Belém, aos rios Madeira, Amazonas e seus afluentes, informações sobre a crise da borracha provocada pela baixa nas exportações do produto brasileiro para a Europa, etc. É igualmente evidente um projeto estético que tem como objetivo o resgate do seringueiro e a denúncia social, características estas que tornam possível a leitura da obra como romance histórico, o qual, segundo Carpeaux, “realiza uma ‘revisão de valores’, ressuscitando os

vencidos, dando uma voz aos que a História, essa *fable convenue*, silenciou”. (CARPEAUX *apud* ESTEVES, 2010, p. 28)

TEXTO E CONTEXTOS SOBRE A SELVA

Jorge Amado, memorável escritor brasileiro, escreveu o prefácio “Um clássico de nosso tempo” (p. 17-20) em efusiva homenagem à reedição de *A Selva* no ano de 1972, assim saudando a edição brasileira deste livro de Ferreira de Castro:

Muito tem-se escrito, não só no Brasil e em Portugal, mas no mundo inteiro, sobre a importância de *A selva*; (sic.) o sucesso das traduções nas línguas mais diversas é o melhor elogio e a mais justa apreciação crítica do romance do menino português fazendo-se homem em meio à floresta e ao rio, no princípio do mundo, numa aventura pungente e poderosa. (AMADO, 1972, p. 18)

Em uníssono, Rildo Cosson, em ensaio já referido, afirma que:

[...] Paradoxalmente e a despeito das narrativas anteriores, a obra que conseguiu sintetizar com maior felicidade uma imagem literária para a região [se refere à região amazônica] é o romance *A selva* de Ferreira de Castro, [...]. Tal síntese reuniu elementos dispersos em outras obras que trataram da vida na Amazônia dando-lhes uma versão que, pela sua larga influência, passou a ser paradigmática para a literatura produzida e consumida na região. (COSSON, 1994, p. 359)

Nota-se que a crítica elogiosa ao texto de Ferreira de Castro, quase em contraponto por um escritor e por um crítico brasileiros, vem encontrar em recente publicação o testemunho e o caráter de resistência d'*A Selva* através da primorosa edição da obra de Abrahim Baze, intitulada *Ferreira de Castro: um imigrante português na Amazônia* (2011)⁵, cuja nota do autor, Abrahim Baze, antecedendo a esta edição comemorativa da obra maior, assim pontifica prolongando o sentido mais profundo desta narrativa sobre a selva:

⁵É ilustrativo e representativo o fato de que a obra de Abrahim Baze, recém-publicada, tenha nos motivado não só pelo seu caráter biográfico e comemorativo da saga de Ferreira de Castro, um europeu na Amazônia – *Um imigrante português na Amazônia* –, mas principalmente pela riqueza desta edição, com inúmeras fotografias e documentos da época, inclusive com o DVD do filme e roteiro da obra homônima de Ferreira de Castro, em primeira edição dirigida por Márcio Souza. (BAZE, 2011)

A obra intelectual de Ferreira de Castro enriqueceu a bibliografia amazônica nos seus aspectos mais originais. Aqui, estão sinais de uma época heróica, longínqua. Aqui, nesta obra, podemos encontrar os sinais da terra, das florestas, das águas, dos lugarejos, dos barracões, dos enormes seringais, dos dramas, das lutas contra as doenças e das pragas dos insetos daninhos. (BAZE, 2011, p. 32)

Assim visto, o processo de interdiscursividade prolonga a enunciação desses textos, levando-os ao encontro com o texto-epígrafe que abre a narração de *A Selva* com todo seu enredo e entrecho multifacetado. Quer dizer, o “pórtico” da narrativa d’*A selva*, na edição de 1954, que fora escrito por Ferreira de Castro para esta 15ª edição comemorativa do romance, passa a ocupar o lugar de pórtico/epígrafe, chamando a atenção do leitor não só por sua natureza de paratexto editorial, mas, mais representativamente pela orientação de leitura e produção de sentidos que dela decorrem, uma vez que sintetiza, emblematicamente, o universo de discurso que deve se tornar a perspectiva de leitura que o leitor passa a abordar a partir daí. Leiamos o pórtico:

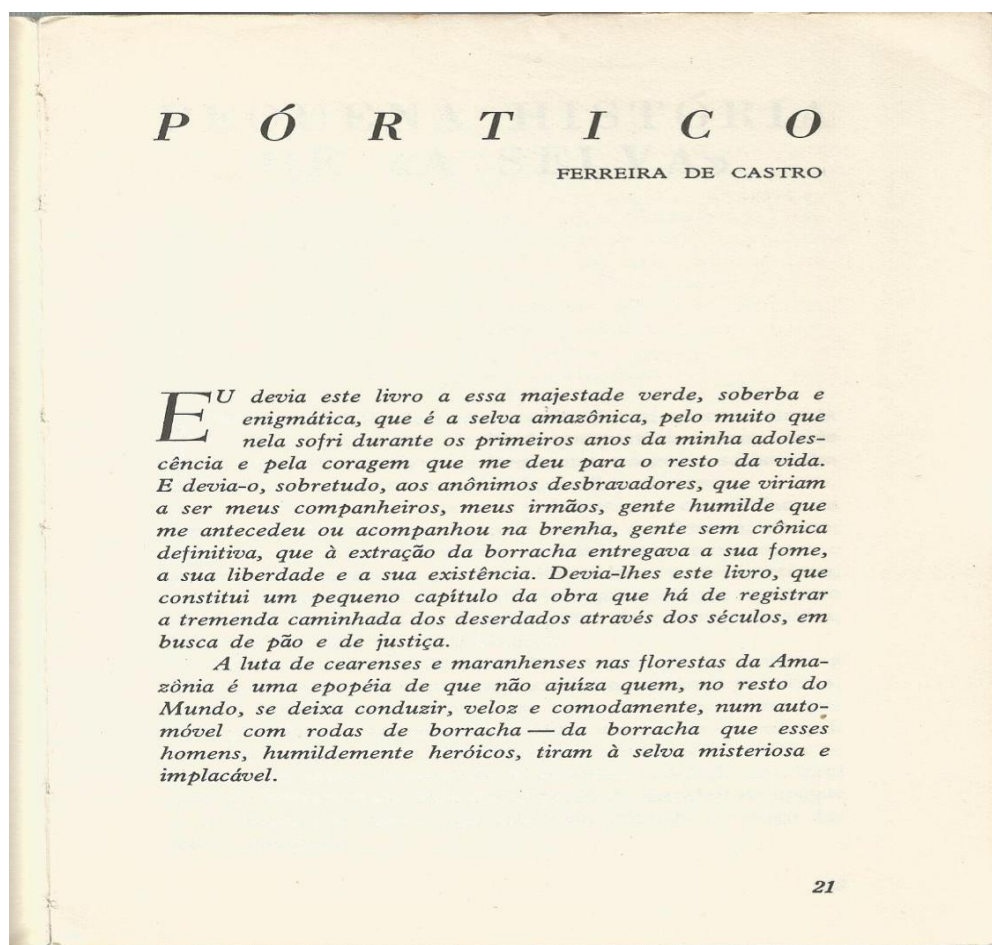


Fig. 1: Pórtico escrito por Ferreira de Castro para a 15ª edição comemorativa de *A Selva*. (CASTRO, 1972, p.21)

Haja vista que, o pórtico/epígrafe torna-se um fragmento iluminador, capaz de, já num primeiro contato do leitor com o texto, lançar luz sobre o universo do discurso, de modo que, , sem dvida, a melhor maneira de adentrar-se nas brenhas desta selva, descrita pelo autor como “soberba e enigmática”. Habitada por uma gente humilde e sem crnica definitiva, atores de um período conhecido como o *ciclo da borracha*, esta selva cicatrizou-se como “o inferno verde” da literatura regional brasileira. Sublinhe-se que, para a devida apresentação desta obra, a ideia de “pórtico” indica sentidos de acesso, do que se localiza  entrada, ou daquilo que se constitui como a própria entrada, como meio de acesso ao espaço interior de uma casa, de um edifício, de um templo e/ou da selva, “soberba e enigmática”. Sentidos estes que podem ser para nós produtivos a partir do que sinaliza o *Dicionário Houaiss*: “porta principal; portal, portada”, “entrada, ingresso, acesso a algo difícil e grandioso”.

De fato, o referido “pórtico” d’*A Selva*, seja pela sua produção de sentidos, iniciando e cobrindo todo o universo da narração, e a partir desse lugar que ocupa no entrecho da narrativa, expande-se em camadas de sentido evocando e retomando, na mesma proporção, o espaço do regionalismo amazônico, e junto deste o próprio universo sombrio e inexpugnável da selva com suas histórias, mitos e literaturas de desbravadores. Não  toa, o denso estudo que Rildo Cosson intitulou “*A Selva e o regionalismo amazônico*” (1994), desde esse título por si só, condensa a ideia que estamos tratando de discutir, qual seja, a simbiótica relação entre textos e contexto – segundo a última reflexão que queremos agregar a este trabalho.

Daí que, não se deve esquecer o surgimento de *A Selva*, no ano de 1930, em consonância com uma característica forte da novelística do século XX: o gosto pelo pitoresco regional somado à proposta neo-realista de estudar o homem em função do meio e de certa estrutura social, ou seja, valores do próprio documentário etnográfico. Talvez por isso, seja ela um dos livros portugueses mais traduzidos no mundo⁶. Com seu título sugestivo, Cosson revisita a imagem impactante do paraíso terrestre rondando o imaginário ocidental, desde a descoberta, fazendo emergir o verde exuberante da Amazônia, a imensidão da floresta, que despertariam no autor do cânone da literatura portuguesa o interesse por uma literatura que se produziu  sombra dos seringais, da região amaznica⁷.

Em tudo e por tudo, releva destacar o papel de servilismo e agnico que brotam seja das páginas d’*A Selva*, enquanto proposta de nomear, conhecer, explorar dominando aquele espaço, seja de todo empreendedorismo humano e civilizatório na tentativa de tornar

⁶ Para uma verificação mais aprofundada desses aspectos, ver: *Dicionário de Literatura*, 3ª ed. 4º v., direção de Jacinto Prado Coelho (1982).

⁷Cf. COSSON. “*A Selva e o regionalismo amazônico*”, p. 358-369.

“produtivo” esse mesmo espaço, que se mostrou, ao fim e ao cabo, inexplorável, inexpugnável, indômito e sequioso na sua exuberância em devorar todos os projetos naquela região que mostrou, por tudo isso, e ao final, o seu poder de resistência. Acima de tudo, talvez isto: *A Selva* é narrativa resultante em resistência, única forma de o relato artístico responder à voracidade do colonialismo bem como a todo e qualquer forma de poder, como se repetindo o refrão do escritor: “A função do escritor é enfrentar o poder”⁸. Disso decorrem os demais relatos históricos que tratam de replicar o “poder” da selva amazônica que continua a responder através das narrativas e das versões – às vezes desencontradas – dos fatos, que, não só a força bruta da natureza, ou a força da criação artística, somadas, testemunham que “a selva venceu o capital”⁹.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AMADO, Jorge. Um clássico de nosso tempo. In: CASTRO, José Maria Ferreira de. *A Selva*. São Paulo, SP: Ed. Verbo, 1972. p. 17-20

BAZE, Abrahim. *Ferreira de Castro – Um imigrante português na Amazônia*. 2ª. ed. rev. e amp. Manaus: Editora Valer, 2010.

CARVALHAL, Tania Franco. A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista. In: BITTENCOURT, Gilda. (org.). *Literatura Comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Editora Sagra – D.C. Luzzatto, 1996, p. 198-218.

CASTRO, José Maria Ferreira de. *A selva*. São Paulo, SP: Ed. Verbo, 1972.

COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de literatura*. 3ª ed. v. 4. Porto: Companhia Editora do Minho – Barcelos, 1982.

COSSON, Rildo. *A selva e o regionalismo amazônico*. In: Congresso Internazionale *IL PORTOGALLO E I MARI: UN INCONTRO TRA CULTURE*. Istituto Universitario Orientale: Napoli: Liguori Editore, dicembre 1994, p. 359-369.

⁸Sobre esta função da literatura, o aforismo foi evocado por Don DeLillo, em sua recente passagem pelo Brasil. (Cf. *Revista Época*. Edição Especial FLIP. 28 jul. 2014.

⁹É significativo que recente número da *Revista de História da Biblioteca Nacional* tenha reservado matéria intitulada “E a selva venceu o capital”, abordando o fracasso do empreendedorismo de Henry Ford, tentando criar, à idade de 40 anos, a sua Fordlândia, cidade da borracha que fracassou na imensidão amazônica. (Cf. DUARTE Jr., 2014, p. 56-59)

CUNHA, Betina R. R. da ; LEITE, Mário C. S. ; NOLASCO, Paulo, S. (org.). *Cânone e Anticânone: A hegemonia da diferença*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

DUARTE Jr., Antonio Marcos. E a selva venceu o capital. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 10, nº 108, p. 56-59, set./2014

ESTEVES, Antonio R. O romance histórico brasileiro: releituras da tradição. In: FLECK, Gilmei F.; ALVES, Lourdes Kaminski. *Ficção, história e memória na América Latina: leituras e práticas*. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2010, v. 1, p. 37-51. (Coleção: confluências da literatura e outras áreas)

REVISTA ÉPOCA. Especial Flip. 28 jul. 2014.

SOUZA, Eneida Maria de. Pós-teorias. In: GONÇALVES, Ana B.; CARRIZO, Silvina L.; LAGE, Verônica L. (org.). *Literatura, crítica, cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2009, p. 223-221.

SOUZA, Márcio; CORRÊA, Luiz M. de Miranda. *A Selva*. [Filme-DVD]. Produção de Luiz Maximino de M. Corrêa, direção de Márcio Souza. Rio de Janeiro, Valer Editora, 2010. 1 DVD, 01:19:39 h. color. son. In: BAZE, Abrahim. *Ferreira de Castro – Um imigrante português na Amazônia*. 2ª. ed. rev. e amp. Manaus: Editora Valer, 2010.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2 ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

Data de recebimento: 01/12/2014

Data da aprovação: 15/12/2014